

DARKVISION

APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

DARK

LUZ, CÂMERA E SANGUE!

ENÉIAS TAVARES



DarkSide® Entretenimento Ltda.

DARKSIDE

TERRORBR

©2022





DARKVISION
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

ENÉIAS TAVARES

LUZ, CÂMERA E SANGUE!

Um conto natalino de Brasiliana Steampunk

ENÉIAS TAVARES

I

O Milagre do Natal Chegou!!!
Venha conhecer o Ultrafuturista

CINEMATÓGRAPHO FALANTE!

Theatro Luxuosamente Mobiliado!
Ventilação Mecanizada, Reposteiros Finos e Poltronas
Leito-Reclináveis!
Sessões especiais e fechadas à ilustre Sociedade Porto-Alegrense!
Vasto Repertório de Cenas em Movimento:
Dramáticas, Cômicas, Trágicas, Mágicas e Históricas!

Na Ilustríssima Estreia deste Espetáculo de Som e Luzeiros
Venham ao Theatro São Pedro!
Enchentes de Público têm Comprovado seu Sucesso!

Criado pelos cientistas Augusto Pataco & Henrique Sombreiro
Estrelando o Fenômeno Internacional Azza Nalimova!

Aviso: Proibida a entrada de Animais e Crianças.

II

Porto Alegre dos Amantes, Theatro São Pedro,
24 de dezembro de 1901.

Do noitário do Dr. Antoine Louison

Segundos depois das luzes se apagarem e o projector iniciar sua moderna magia, o corpo despencou na frente da imagem, envergando a corda e deslocando o pescoço do suicida.

Na plateia lotada, as damas exclamaram em horror, enquanto os senhores demoraram a chamar por ajuda, achando que o ato fazia parte do espetáculo macabro.

Em meio ao caos, anunciei minha profissão e saltei até o palco, em direção ao enforcado. Retirei a lâmina oculta da bengala e degolei a corda esticada, fazendo o corpo despencar.

Desfiz o nó que prendia o homem e tentei reanimá-lo. Infelizmente, sem sucesso.

Reconheci-o de pronto: Henrique Sombreiro, um dos criadores do Cinematógrafo Falante, que eu, Beatriz e toda a sociedade gaúcha viéramos ver naquela infeliz noite natalina.

O Theatro São Pedro havia noticiado nos últimos três meses esta noite de gala, dedicada ao novo aparato que “revolucionaria as artes dramáticas”, ao menos era o que os dois inventores e o atual diretor do teatro, Ésquilo Peixoto, não paravam de repetir.

Após abandonar a massagem cardíaca e a respiração boca a boca, atentei ao pandemônio que acometia os presentes, que se avolumavam horrorizados ao redor do palco.

Ao meu lado, de joelhos, Azza Nalimova — atriz e amante de Sombreiro — pranteava o falecido, enquanto Peixoto tentava acalmar a população enlouquecida.

“Por que fizeste isso, Luís?! Por quê?!”, chorava a mulher.

Eu coloquei a mão em seu ombro, para informá-la e também investigá-la. “Isso não foi suicídio, senhorita Nalimova, e sim assassinato”, falei um tom abaixo.

A mulher olhou-me perplexa, questionando aquela afirmação, para depois cair num renovado choro, enxugando lágrimas dos olhos secos com um lenço de seda.

Inicialmente, eu mesmo achei tratar-se de um suicídio, até notar nos pulsos do falecido marcas de amarras que evidenciavam captura e aprisionamento. Se eu não estivesse errado, tratava-se de um assassinato ignóbil disfarçado de um teatral suicídio. Um drama demoníaco mais que apropriado àquela casa de mentiras e verdades.

A audiência estava em estado de choque.

Peixoto não mais conseguia controlá-la. Sugeri-lhe que indicasse aos presentes o caminho da saída, uma vez que não haveria modo de manter todos ali, presos e confinados.

À medida que os geriátricos e adultos foram saindo, alguns lamentando o calor e o crime daquela noite natalina e outros por não poderem conferir o incrível cinematógrapho.

Em meio a tudo aquilo, percebi que Beatriz, minha parceira na vida, permanecia sentada, avaliando a cena com sua costureira superioridade de escritora investigativa.

Como costumava fazer quando testemunhava algum fato digno de nota, retirara sua caneta portátil e sua caderneta pessoal e dedicava-se ao registro de alguma história ou ideia.

Seus talentos criminalísticos seriam úteis. Desde que fizera fama com seus contos de mystério, mantinha atenção redobrada a informes policiais, a base para a sua ficção.

Eu amava aquela mulher, assim como amava sua falsa persona masculina, a persona que havia inventado para iniciar-se no meio literário gaúcho, em tudo misógino e racista. Quando a conheci, ela vestia-se de homem e atendia pela alcunha de Dante D’Aljustine.

Meu olhar fitou o sócio do morto, Augusto Pataco, coinventor do cinematrógrapho, que agora chegava ao palco mais irritado com o fim do show do que com a morte do amigo.

“Senhor Peixoto! Eu havia avisado ao senhor que deveria triplicar a segurança!”, disse o homem, com o dedo em riste, ignorando o corpo e inquirindo o diretor do teatro.

Ao redor de nós, a equipe do São Pedro testemunhava a discussão, tão perplexa quanto a multidão de antes, mas também curiosa com o desfecho daquele enredo imprevisto.

“Seu porco!”, gritou Nalimova, levantando-se e pulando no pescoço de Pataco, “Foi você! Ele me disse que vocês tinham discordado sobre o futuro! E você o matou! Por ciúme!”

O que tinha uma coisa a ver com a outra?, perguntei a mim mesmo, e então fitei o olhar perspicaz de Beatriz, que tinha chegado à mesma conclusão que eu.

“Ciúme, sua cínica?! Não seja ridícula! Eu disse a ele que depois de vendermos nossa tecnologia aos americanos, iríamos separar os negócios! Não minta, atriz de quinta!”

“Ele fez um testamento”, replicou a mulher, agora se colocando em pé. “E tenho direitos sobre seus bens, inclusive sobre o Cinematógrafo... e sobre a bilheteria desta noite!”

Pataco respondeu a ela com uma risada. Todos nós olhávamos, enquanto Beatriz retornava suas anotações. Será que algum dos dois se importava com o defunto? Minhas inquirições de assassinato acabavam de ganhar dois bons suspeitos. E enquanto tudo isso sucedia, o espetáculo do Cinematógrafo Falante continuava, com a imagem de Nalimova dançando na tela ao som da música de cabaré, acima da bailarina real.

Na balbúrdia que sucedera ao enforcamento, ninguém lembrará do projector.

“Pelo amor de deus, apaguem essa gerigonça!”, gritou o diretor da casa.

III

O Theatro São Pedro dos Alcântaras foi fundado em 1858, depois de quase trinta anos de obras, interrompidas pela Revolução Maragata. Seu terreno foi doado por Manuel Galvão, que via na casa de espetáculos um potencial de elevar Porto Alegre a uma “capital das artes”.

Desde sua fundação, o teatro teve vários diretores e vivia basicamente de doações e espetáculos de gosto duvidoso para pagar as contas — como comédias populares sobre maridos traídos, filhas rebeldes e cães adestrados. Em 1873, depois que um jumento que atuava como figurante escoiceou um dos atores, achou-se por bem interromper a participação equina.

Desde que assumira a direção há mais de quinze anos, Ésquilo Peixoto tinha se dedicado a propor montagens de obras dramáticas clássicas, até então ignoradas em nossos palcos. Graças ao homem, tivemos um festival de obras gregas, latinas e europeias.

Agora, todo esse esforço era colocado em risco por um crime brutal que ameaçava o teatro justamente no apogeu da tecnologia que prometia revolucionar as artes dramáticas.

A polícia chegou em vinte minutos. Eram quatro policiais e seis robóticos que foram colocados nas saídas do teatro para não deixar que ninguém saísse sem ser interrogado.

Liderando-os, um inspetor alto e possante, quase rústico, de voz firme e autoritária. Carregava consigo uma velha pistola que há muito não se via nas forças armadas republicanas, mais afeitas às modernas armas eletrostáticas.

Eu mostrei ao inspetor as marcas nos pulsos da vítima e sugeri que ele interrogasse com atenção a senhorita Nalimova e o sócio do falecido. O policial não perdeu tempo e passou a interrogar a eles e também a mim e Beatriz, o que achei compreensível.

Em seguida, conversou com o diretor do teatro, que narrou o ocorrido a partir de onde estava, dos bastidores, onde supervisionava o andamento do espetáculo.

Quanto a Nalimova, disse estar nos bastidores também, uma vez que havia combinado de ver a projeção ao lado de Sombreiro. Falou que havia o esperado até ouvir a queda e os gritos.

Já o mais suspeito era Pataco, que primeiro disse estar na sala de máquinas para depois mencionar a bilheteria. Fora conferir quantos ingressos tinham sido vendidos. Apesar de a equipe negar sua estada na casa de máquinas, confirmaram que fora visto na bilheteria minutos antes.

Eu acompanhei esses interrogatórios ao lado de Beatriz, que parara de tomar notas e passara a estudar cada um daqueles personagens.

“Em sua opinião, foi o sócio ou a amante?”, perguntei a ela, discretamente, num dos cantos da plateia vazia, enquanto os outros policiais interrogavam os funcionários do teatro.

“Ambos têm motivos, Antoine”, respondeu ela, “mas nem sempre motivos levam a crimes. Os dois são gananciosos e teriam a ganhar com a morte de Sombreiro. Ademais, não devemos deixar de lado a hipótese de que tenham sido os dois, juntos, e que a irritação do sujeito e as lágrimas da moça não passem de encenação. Nessa arte, os dois são experientes.”

Concordei com Beatriz, apesar de supor que ainda faltava uma peça naquele *mystério*. Em minha opinião, nenhum dos dois era lá grande exemplo de profundidade de qualquer natureza. Mas se não foram os dois, quem teria sido? Sombreiro não tinha inimigos, ao menos não públicos. Fiquei ali, entre homens, mulheres e robóticos, estudando e observando a cena, enquanto Beatriz caminhava pelo teatro, agora iluminado, conversando com os presentes.

Como um investigador de casos policiais, fui em direção à dupla de suspeitos, que continuavam a bater boca. Agora a discussão acalorada era sobre o testamento do falecido.

Mal sabia eu que outra morte seguiria em minutos a primeira.

IV

Eu e Beatriz nos colocamos à disposição da polícia, caso precisassem de ajuda.

Como ainda era costume nestas cercanias sulistas, o inspetor ignorou Beatriz, por ser mulher e por ser negra. Quanto a mim, fui levado ao camarim que a polícia havia transformado em uma improvisada sala de interrogatório.

Fiquei em silêncio, afinal estava ali apenas como um convidado, dada a minha posição social e também por ter sido o primeiro a tomar providências diante do enforcamento, o que conquistou ao menos o respeito dos policiais e também do diretor do teatro.

Peixoto também estava ali, auxiliando a polícia. Quando perguntado sobre qual foi a última vez que viu o morto, informou que fora cinco minutos antes da cortina ser aberta e das luzes serem apagadas. Sombrero se despedira dele, dizendo que veria o espetáculo com Nalimova. Nesse intercurso, Peixoto havia ido à sala de máquinas conferir o projecto.

Agora, faltava averiguar onde estava Nalimova e Pataco naqueles seis minutos que separavam a conversa de Peixoto com Sombreiro e o seu assassinato.

Nalimova, no alto de seus sapatos, não parava de alisar os cabelos, às vezes chorando, às vezes soluçando. Como estávamos em um camarim, flagrei-a se olhando num dos espelhos.

“Eu o amava! Ele me amava!”, ficava repetindo a mulher.

“Como se conheceram?”, perguntei, enquanto a polícia inquiria Peixoto e Pataco.

“Eu sempre quis ser uma atriz e vim a Porto Alegre para isso. Mas consegui poucos papéis e muitos deles envolviam tirar a roupa em teatros de segunda linha. Foi quando conheci Sombreiro e nos apaixonamos. Ele me falava de sua maquinaria fantástica, que projetava sombras nas paredes, depois imagens e então imagens em movimento! E ele me disse que... que eu seria sua estrela”, dizia a mulher.

A cena parecia um melodrama barato, mas ao mesmo tempo a origem humilde de Nalimova e o seu relato como um todo pareciam coerentes. Ademais, ela não parecia capaz de cometer um crime

desses, sobretudo pela força física necessária para levar um corpo até o alto das coxias e jogá-lo de lá. Infelizmente, minha *sympatia* por ela sumiu em seguida.

“Agora, eu terei de dar continuidade ao seu legado. Eu terei de continuar a administrar o cinematógrapho...”

“Só por cima do meu cadáver!”, vociferou Pataco, novamente indo para cima dela.

“Socorro, ele vai me matar!”, gritou ela.

“Matilde! Pare com isso!”, disse Pataco, parando a alguns metros da mulher.

“Matilde?”, perguntou o inspetor.

“Sim, Matilde da Silva”, respondeu a atriz. “Sombreiro disse que eu precisava de um nome estrangeiro para fazer sucesso. É que no Brasil, tudo o que é de fora vende mais e faz mais sucesso. Em função disso, criamos o nome Azza Nalimova, uma estrela ítalo-russa.”

Dois policiais riram da revelação, até serem advertidos pelo inspetor responsável. Ele então voltou-se para Pataco e lhe perguntou sobre a invenção do cinematógrapho.

O engenheiro retirou do seu casaco uma pequena garrafa e entornou o líquido. Depois disso, sentou-se numa das poltronas do camarim e começou a falar.

“Sombreiro era um ilusionista de palco, tinha grandes ideias, algumas percepções bem importantes sobre o público, o mercado, o futuro!”, falou ele, revelando resquícios de algum sentimento. “Sonhava com um mundo em que não houvesse mais theatros e sim casas de cinematógraphos! Casas que iriam lotar para ver produções com truques visuais captados pela câmara. Eu achava aquilo tudo um delírio. Enquanto ele sonhava alto, eu estava com os pés na terra, quebrando minha cabeça para modificar a tecnologia que estava ao nosso alcance. Minha formação como engenheiro e meu gosto pela dimensão técnica da fotografia garantiram a criação do machinnario que tornou possível a magia do cinematógrapho. Quanto ao brilhantismo de acoplar o phonógrapho, foi ideia dele. Mas não importa! A grande invenção de nada valeria sem um gênio mecânico que a executasse.”

Ele se colocou em pé e foi em direção a Nalimova, que continuava em falso estado de choque. Antes que falasse, porém, levou a mão ao lado esquerdo do estômago, como faria um homem que estivesse sofrendo de uma úlcera.

“Então, sua marafona”, berrou ele, “não pense que você herdará um centavo dessa invenção que foi minha! Há mil Sombriões por aí, lutáticos cheios de ideias insólitas. Mas apenas um Pataco, capaz de concretizá-las no Brasil como os irmãos Lumière fizeram na França!”

Nalimova pôs-se de pé e agora mudava sua estratégia.

“Augusto, mas você precisa de alguém para ajudá-lo, você precisa de uma amiga, de uma conselheira, de uma...”

A fala dela foi interrompida por uma forte tosse que assomou o engenheiro. Esta foi aumentando até o homem vomitar sangue, com pingos manchando a face da atriz.

Eu corri em sua direção, enquanto todos, inclusive Nalimova, olhavam chocados para o homem que caía de joelhos. Em minutos, os olhos e ouvidos estavam sangrando e ele expirou. Quanto o examinei, o coração explodido denunciava um novo crime.

Naquele momento, a porta do camarim se abriu e entrou Beatriz, discutindo com o policial que ficara do lado de fora, de vigia.

Depois de avaliar o renovado terror, que agora não acontecia no palco, mas abaixo dele, ela informou-nos da resolução daquele crime.

“Vim justamente informar que Pataco não havia sido responsável pela morte de Sombrião. O engenheiro estava ocupado com outra coisa, não é, Nalimova?”

A atriz desconversou, ignorando também o novo corpo que estava à sua frente.

Beatriz se aproximou dela e perguntou:

“Há quanto tempo você estava com os dois? Pataco estava com você na hora da morte de Sombrião, não?”

A atriz deu de ombros, suspirou e por fim assentiu.

“Estão vendo, agora sim não há como questionar meu papel neste drama”, disse ela. “Sou a viúva dos dois e legítima herdeira do Cinematógrafo Falante!”

Ignorando a cena, me abaixei sobre o corpo e retirei do seu casaco a garrafa metálica. Pelo cheiro, identifiquei arsênio, além da aguardente que ela continha.

“Envenenado”, informei.

Nisso, o inspetor deu um passo à frente e perguntou à atriz:

“Mas se vocês estavam juntos, então quem foi o assassino?”

Beatriz atropelou o policial e de forma um tanto teatral, como adorava fazer quando interpretava o papel de Dante D’Augustine, perguntou:

“Apenas uma pessoa pode responder essa questão. Não é mesmo, senhor Peixoto?”.

Surpresos, demoramos demais para impedir a terceira morte daquela noite demoníaca!

Puxando da cintura uma pequena pistola, o respeitável diretor do Theatro São Pedro estourou a cabeça do policial que protegia a porta e tomou Nalimova como refém.

Peixoto saiu, levando consigo a mulher, que agora chorava de verdade, temendo por sua vida. Eu, Beatriz e o inspetor saímos do camarim junto deles.

O diretor ordenou que parássemos e então jogou a mulher ao chão.

Em segundos, ele sumiu nas sombras do velho teatro. Depois de traições imorais, homicídios teatrais e disputas financeiras, o que encerraria aquele sórdido espetáculo?

V

O assassino ganhou vantagem em sua fuga, pois conhecia a geografia do teatro.

Enquanto corríamos, o inspetor perguntou a Beatriz como ela havia decifrado o crime.

“O plano de Peixoto era perfeito”, disse ela, entre uma passada e outra, “exceto por um detalhe: a corda. Um dos funcionários com quem conversei, disse-me que há três noites ele viu o diretor subindo a coxia levando consigo uma corda. Penso que ele planejou tudo e então levou o corpo lá em cima em minutos, sabendo todos os espaços que teria para produzir um álibi. Tendo jogado Sombreiro, poderia usar o elevador de carga para estar na boca do palco segundos depois e assumir seu papel em meio ao caos. Quanto ao veneno, não faço ideia.”

“Eu sim”, respondi, logo correndo atrás dela, por entre as fileiras da audiência inferior, com o rastro do diretor à nossa frente. “Há duas hipóteses cabíveis. Peixoto pode ter tido acesso aos pertences de Pataco ou, então, se uniu a Nalimova, mas suspeito que não.”

“Vocês formam uma bela dupla”, disse o inspetor, liderando a perseguição.

“Eu sei”, respondi, piscando para Beatriz.

Depois de nos fazer correr por corredores tortuosos que levavam à coxia, o diretor em fuga desceu as entranhas do teatro através de uma escadaria secreta que ficava ao lado do camarote monárquico. Dizem os historiadores que aquele túnel fora construído caso um dia o São Pedro recebesse a visita de Dom João VI, conhecido por seus ataques de pânico.

Beatriz, que corria ao meu lado, tinha no passado investigado as histórias do teatro, para um dos contos de *Crimes Crassos*, sua primeira coletânea policial. Agora, nós e o inspetor de polícia tínhamos o mórvido privilégio de visitar aqueles íferos túneis.

Para a nossa surpresa, que corríamos na escuridão portando luminárias, a fonte de luz que perseguíamos estacou, tendo encontrado o túnel interrompido por uma parede de tijolos.

Há mais de vinte anos, a prefeitura de Porto Alegre dos Amantes havia anulado sua continuidade para construir parte do saneamento da cidade.

Peixoto jogou a tocha que trazia consigo ao chão e ficou lá, parado e em lágrimas, esperando a nossa aproximação.

O inspetor retirou sua pistola do coldre e mirou no homem que imediatamente jogou fora a arma que havia usado para matar o policial e ferir Nalimova.

“Não atire, por favor. Não irei fazer a mal a nenhum de vocês”, disse o patrono das artes dramáticas, encurralado no final do túnel sem saída.

“Não se mova!”, ordenou o inspetor, não perdendo-o de mira.

“Ficaste louco, diretor Peixoto? Entregue-se!”, perguntei, mantendo distância.

“Louco? Louco?!”, respondeu o homem. “Louco ficou o mundo lá em cima! Loucas ficaram as pessoas que não mais entendem a sacralidade! Loucos ficaram todos vocês!”

O inspetor estava prestes a ordenar silêncio e prisão, quando foi impedido por Beatriz. Como eu, ela estava mais do que interessada nas razões que levaram Peixoto àqueles crimes!

Seguimos em direção ao homem, esperando que ele nos contasse sua história.

Peixoto era a própria imagem do horror, segurando em uma das mãos a tocha e na outra uma lâmina que sacara há segundos, uma lâmina que nos afugentava.

“Por que mataste aquelas pessoas, diretor?”, perguntei.

“Porque elas estavam prestes a matar o teatro! Graças a elas, a arte da representação, da atuação, estará perdida. E tudo pela ganância, pelo lucro, pela insanidade daquela machinna maldita, criadora de falsos deuses e vis demônios.”

O homem deu um passo atrás e foi interrompido pela parede atrás de si. Insano ou desesperado, olhava ao redor, como se estivesse na companhia de phantasmas e espectros.

“O rosto, o suor, a voz, o corpo... a presença do homem, da arte, de sua mutabilidade... de sua sacralidade... Sófocles, Shakespeare, Molière... todos arruinados pelo machinnario maldito, pela gravação e pela

reprodução, pela distância e pelo vazio da imagem gigantesca... Agora, teremos luzes ao invés de sombras, reproduções tecnostáticas frias no lugar da quente magia do palco e dos atores, da vida e das paixões... Nossas artes, nossas cores...

Eu e Beatriz mantínhamos distância, pois temíamos que ele pudesse nos ferir, uma vez que golpeava o ar enquanto dava seu solilóquio. Mal poderíamos imaginar o que se seguiria.

“Até esta noite, nosso público pagava por espetáculo humano. A partir de hoje, pagará por imagens frias e falsas, por vozes gravadas e descontraídas em falso movimento! A era dos falsos deuses chegou! E eles maculam Dionísio, nosso pai, nosso senhor. Nosso único protetor! E é por ele que eu faço este sacrifício!”

Quando vi o que iria acontecer, pulei em sua direção, mas já era tarde demais. Peixoto golpeou um olho com a faca e rasgou o outro com um golpe estabanado.

Consegui retirar a lâmina de sua mão, mas ele me empurrou para longe. Precisava terminar a ignóbil tarefa, arrancando com os dedos não apenas o que havia sobrado de seus glóbulos como espicaçando as ensanguentadas feridas, até que nenhuma visão restasse!

Agora, satisfeito, ele deixava seu corpo cair de joelhos, como uma trágica figura numa antiga peça grega, e nós não passávamos de impotentes espectadores do drama hediondo!

“O cinematógrafo é o demônio apolíneo, estraçalhando os últimos vestígios da nossa origem terrestre, nascidos no ventre de Gaia e no sumo de Dionísio!”, gritou o homem, com os lábios empapados do próprio sangue. “Que o resto... seja escuridão... e silêncio.”

A lógica daquele Édipo maldito não era em tudo errônea. As máquinas substituiriam a presença humana? Os jogos de sons e luzes e cenas nos tornariam mais ou menos humanos?

Eu e Beatriz não tínhamos resposta. Tu, leitor ou leitora do futuro, a teria?

Em minutos, um dos guardas chegou, sendo seguido por um robótico.

Eles levaram o miserável para a luz, embora daquele dia em diante Êsquilo Peixoto estivesse condenado à eterna penumbra.

VI

Eu e Beatriz ficamos no teatro por umas três horas.

O inspetor que nos acompanhara no decorrer da noite, nos agradeceu e desculpou-se pela hipótese de ter sido rude com Beatriz no início da noite.

“Foste fundamental à resolução deste caso, minha senhora”, disse ele. Deu-nos boa-noite, não sem antes se apresentar.

Chamava-se Pedro Britto Cândido e vi nele um tipo de nobreza que há tempos não encontrava entre os defensores da lei neste estado.

Pressenti que nossos caminhos, cedo ou tarde, voltariam a se encontrar.

Ao amanhecer, depois de encaminharmos Nalimova ao Hospital Geral, tomamos uma carruagem e fomos para a minha casa.

No movimento da rua, beijei os lábios de Beatriz, que estava pensativa.

“E se ele estiver com a razão?”, perguntou ela. “Digo, o assassino? E se, de fato, o cinematógrafo falante matar o teatro e as artes dramáticas?”

Eu pensei um pouco antes de responder.

“A photographia não matou a pintura, não é mesmo? Podemos dizer que a arte dos traços e cores sobre as telas foi apenas obrigada a mudar. Talvez o mesmo aconteça com o teatro. Temes que a literatura também seja prejudicada?”

“Não, não temo, afinal contamos histórias desde sempre, não é?”

“Sim”, respondi. “E talvez o cinematógrafo falante seja um novo estágio na arte de contar histórias. A noite foi produtiva para você, não?”

“Sim, foi. Estou pensando em escrever um conto de Apolinário que se passa numa casa de shows com essa assombrosa nova tecnologia.”

“Por isso a anotações?”

“Sim”, respondeu ela, voltando a fitar a cena que passava pela janela da carruagem.

“Quanto a mim, vou apenas atualizar meu noitário”, respondi, pensando no que escreveria sobre o horrendo espetáculo encenado nas entranhas do Theatro São Pedro.

Seguimos para minha casa e passamos o dia de Natal mergulhados na cama, não apenas descansando. Depois de uma noite de Thanatos, seria hora de homenagearmos Eros.

Quanto ao deus do teatro, também o louvamos, degustando uma safra seleta.

E desejando que os deuses da morte, do amor e do drama continuassem a nos inspirar.

Essa aventura integra o universo de Brasiliana Steampunk, série retrofuturista que reinterpreta os heróis da literatura brasileira do século XIX em histórias de aventura, suspense e fantasia. Dos livros que integram a série, a DarkSide® Books publicou *Parthenon Místico* (2020) e *Lição de Anatomia* (2022). Neles, o leitor pode acompanhar as aventuras de Antoine Louison e Beatriz de Almeida & Souza. Mais da série em brasilianasteampunk.com.br.

ENÉIAS TAVARES é escritor, professor e tradutor. Ele nasceu à meia-noite e mora em um sobrado rural numa região perdida do sul do Brasil, onde vive com seus felinos, sua companheira e escorpiões robóticos. Mais de suas experimentações ficcionais em eneiastavares.com.br.



UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

DARKSIDEBOOKS.COM